O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

(AVENÇADO)

ANO 36.º — N.º 1815

Sábado, 18 de Dezembro de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Em virtude da escassês do espaço, fica esta semana de fora alguma composição que não perde oportunidade.

Desculpem os nossos colaboradores e leitores.

O ANIVERSÁRIO DE "A AURORA DO LIMA„ festejado em Viana do Castelo

A PRESENÇA DE AVEIRO

Ilustre Director da Aurora do Lima:

Esta é a mensagem que Aveiro vos envia. Não são palavras protocolares de qualquer elemento oficial, mas saudações veementes e sinceras que Vos endereçam os vossos humildes confrades do jornalismo aveirense.

E' a homenagem vouguense e beiramarinha da afeição, da admiração e do respeito que a Vós e à vossa gloriosa Aurora do Lima *dirigem amigos que muito Vos querem e se honram e desvanecem com a vossa camaradagem e a vossa amizade.*

Se não há nenhuma alegria, nem tristeza alguma da cidade de Viana do Castelo que não tenham eco no coração do povo aveirense, a imprensa periódica de Aveiro e os correspondentes aveirenses dos jornais diários não poderiam deixar de interpretar, nêste momento jubiloso do 88.º aniversário do vosso jornal, o afecto e a homenagem do Povo vosso amigo e vosso irmão que tão grato Vos é pelo carinho que tantas vezes para êle tendes tido.

Esta mensagem é, pois, nominal e particular e anónima e colectiva.

Subscrita por directores e colaboradores dos semanários locais e pelos correspondentes dos grandes diários, ela não deixa de ser a festiva aclamação que Vos faz a alma do Povo aveirense que tanto ama o Povo de Viana e tanto venera os seus valores representativos.

E Vós, benemérito e venerando Bernardo Silva, e o vosso jornal Aurora do Lima *sois dos mais altos valores morais e representativos da alma vianense.*

Honra Vos seja, pois; glória Vos seja, pois, Bernardo Silva e Aurora do Lima!

Que a vossa vida se prolongue e que a vossa obra se projecte com infindo prestígio nas futuras gerações!...

Recebei com a benevolência própria da vossa grande, virtuosa e generosa alma — oh! ilustre Director da Aurora do Lima *— a homenagem que tão justamente Vos presta o nosso espírito e o nosso coração.*

O coração de Aveiro lateja nas nossas palavras; a amizade aveirense estreita-Vos no melhor do nosso abraço!

Aveiro, 15 de Dezembro de 1943.

(Seguem as assinaturas)

BERNARDO SILVA

O dia 15 dêste fim de Outono de 1943 amanheceu alegre, luminoso, em Viana do Castelo aonde nos levou a passagem do aniversário do nosso colega *A Aurora do Lima*. E agora chegamos, a correr, para contar o que lá se passou nestas colunas, que são também de homenagem ao prestigioso jornal do Minho e ao seu director, que tanto presamos, e a quem fomos abraçar em nome dos que em Aveiro se dedicam ao jornalismo e em Bernardo Silva têm um amigo dedicado.

Principiaremos, pois, pelo descerramento duma lápide na casa onde *A Aurora do Lima* nasceu, na Rua do Vilarinho. Ali compareceu, pelas 13 horas, a Câmara Municipal, que pela palavra do professor, sr. Julio de Melo Vasconcelos, assim se pronunciou:

Meus senhores:

A Câmara Municipal de Viana do Castelo vive, nêste dia de festa, com os amigos e admiradores da velha *Aurora do Lima* momentos de entusiasmo e contentamento.

Desde o início secundou e aplaudiu a ideia que em inspiração feliz uma comissão de vianenses ilustres se propôs levar a efeito.

Esta homenagem, que fala ao coração de todos pela sua simplicidade, obriga-nos a um olhar retrospectivo e descobre através dum passado honrado e glorioso uma verdadeira constelação de nomes ilustres que, no decorrer dos 88 anos que hoje se comemoram, fizeram cintilar nas páginas do jornal lampejos sublimes do seu talento, primorosamente traduzidos em linguagem que os caracterizou.

Citar nomes, meus senhores, seria talvez ferir o carinho com que V. Ex.as guardam no melhor cantinho do seu coração a memória querida e veneranda dos grandes mestres que à *Aurora do Lima* emprestaram todo o entusiasmo, propriedade, eloqüência, grandeza, poesia e glória do seu saber. Por aqui passaram astros de primeira grandeza que no céu constelado das Letras-Pátrias marcaram lugar de inconfundível relêvo.

Poucos ou nenhuns jornais, ainda mesmo os da grande imprensa diária, contam entre os seus colaboradores pleiade de tão refulgente valor intelectual, literário, poético e jornalístico. E' por isso que a velha *Aurora do Lima*, como tudo que muito tem vivido, se sente feliz e orgulhosa nêste olhar retrospectivo que nos conduz até àquêle dia que desta casa —junto da qual todos nos reünimos, irmanados pelo mesmo pensamento e emoção—saiu o primeiro número que velozmente chegou aos mais distantes cantinhos da terra portuguesa.

E desde êsse dia—já lá vão 88 anos! —a *Aurora do Lima* jámais quedou o seu labôr, arrefeceu o seu entusiasmo—pôsto sempre varonil e forte, em defesa da terra onde nasceu—se desviou da trajectória honrada e digna que traçara, a-pesar-de ter de vencer o vendaval das dificuldades que surgem sempre a impedir os passos de quem caminha com nobréza, rumo certo e bom propósito de bem servir a causa do bem, da Verdade, do respeito, da dignidade, que são timbre da Boa-Imprensa.

A intangibilidade de carácter, o sacrifício, a fôrça de vontade, o entusiasmo com que a velha *Aurora do Lima* tem vencido esta longa caminhada, aqui nos trouxe a todos e nos leva a deixar na simplicidade desta lápide, o preito da nossa admiração e respeito.

Que os vindouros saibam descobrir e avaliar o significado desta homenagem e tirar dela o que ela tem de grande, são os votos sinceros da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Uma revoada de palmas coroam o discurso do representante do Município e em seguida o ilustre governador civil do distrito, sr. capitão Rogério Ferreira, descerra a lápide, coberta com a bandeira da cidade, em que se lê:

Nesta casa esteve instalado o decano dos jornais do Minho, A Aurora do Lima, *desde 4 de Março de 1856 até fins de 1904.*

Homenagem da Câmara Municipal de Viana do Castelo em 15 de Dezembro de 1943.

Mais palmas, nutridas palmas são batidas com frenesi pela assistência que em frente à histórica casa se aglomera e era composta por tudo quanto Viana tem de mais representativo em tôdas as camadas sociais e nas suas agremiações, como Sindicatos Nacionais, Grémios, Clubs, casas de caridade e beneficência, Academia, Bancos, Companhias, etc. Nesta altura a Banda do Orfanato e Oficina de S. José acompanha os manifestantes, no espaço estralejam foguetes e Bernardo Silva, que da varanda do prédio assiste à consagração do seu jornal, é aclamadíssimo, sendo em seguida acompanhado à sua residência por todos quantos acharam justíssima a proposta para isso feita pelo simpático chefe do distrito.

Terminada, dêste modo, a primeira parte do programa, seguiu-se às 18 horas, a visita à Redacção actual da *Aurora do Lima*. Com a Comissão promotora da homenagem, foram dois jornalistas de Braga em representação do *Diário do Minho* e *Correio do Minho*, o director do *Democrata*, e o sr. Governador Civil, que cumprimentaram Bernardo Silva e lhe dirigiram palavras de louvor aos seus méritos jornalísticos e constância no trabalho para manter o *órgão oficial da cidade*, como lhe chamou Severino Costa. Depois, pelas 21 horas precisas, efectuou-se no vasto salão do Hospício de Caridade a

SESSÃO SOLENE

A' entrada foi Bernardo Silva coberto de flores pelas componentes do *Grupo Dramático Campos Monteiro*, e em nome das quais o beijou a *estrêla*, uma graciosa rapariga de nome Maria Ferreira. No meio de vibrante salva de palmas, com que a assistência o recebeu, formou-se a mesa, presidindo o sr. Governador Civil, à direita do qual se sentou o homenageado e à esquerda o sr. vice-presidente do Município, Severino Costa faz a leitura dos muitos telegramas recebidos e quando chegou à altura do enviado pelo *Club dos Galitos*, desta cidade, irrompem novas palmas, quentes, frenéticas, com vivas a Aveiro, de mistura, e ao referido Club. Após esta manifestação, que tanto nos sensibilizou, usa da palavra o sr.

Cap. Rogério Ferreira

que se exprime nos seguintes termos:

Ao declarar aberta esta sessão, desejo que as minhas primeiras palavras sejam de saüdação aos jornalistas ilustres que aqui se encontram em representação das cidades de Aveiro e Braga, a que presto a homenagem da minha maior consideração.

A' Ex.ma Comissão promotora dirijo os meus cumprimentos, felicitando-a pelo êxito de que viu coroada a sua inspirada e feliz iniciativa.

Quero também agradecer lhe o seu convite para assistir às cerimónias hoje realizadas; a elas compareci, não por mero dever funcional, mas por imperativo do meu coração.

Minhas senhoras e meus senhores:

Por motivo dos 88 anos que hoje completa a *Aurora do Lima*, celebraram-se nesta cidade vários actos que, pela quantidade e qualidade das pessoas que neles tomaram parte revestiram o impressionante significado do alto apreço dos vianenses pela gloriosa fôlha — decano dos jornais do Minho.

Eu julgo, porém, não andar longe da verdade nem atraiçoar o pensamento de todós quantos neles colaboraram, dizendo que foi principalmente Bernardo Silva, seu director ilustre e amigo querido de nós todos, que a cidade teve em vista homenagear.

Mais do que uma consagração — por muitos títulos merecida e justificada—ao nosso mais antigo jornal, foi, sobretudo, a intenção de manifestarmos o nosso carinho e admiração a Bernardo Silva—o velho Bernardo da *Aurora*, de alma môça e formoso coração que nos fez reunir aqui, junto dêle, neste dia de festa para a *Aurora*, para êle e para nós todos.

Bernardo Silva, verdadeira relíquia para os vianenses, carácter probo, virtudes de trabalhador nobre e austero, conta em cada um de nós um amigo. Todos o respeitam, o estimam, todos lhe querem, enternecidamente como se quere a uma pessoa de família muito querida.

Era azado colocar hoje ao peito de Bernardo Silva a distinção honrífica com que o Estado costuma consagrar *os serviços prestados* à nação *e as virtudes cívicas;* tal não se faz—explicação para os que o não saibam—porque há já alguns anos, o venerando Chefe do Estado tomou a iniciativa de concéder lhe justo e merecido galardão.

Eu considero, minhas senhoras e meus senhores, êste dia de homenagem à *Aurora do Lima* uma verdadeira festa de família. E' como se pais, filhos e netos se reunissem em tôrno do velho avô muito querido, no dia dos seus anos.

Faz hoje anos a *Aurora do Lima* e dizer a *Aurora* o mesmo é que dizer Bernardo Silva, tão ligados, tão indissoluvelmente irmanados andam os dois nomes. Não se concebe a *Aurora* sem Bernardo Silva nem se compreende Bernardo Silva sem *Aurora*.

Uma festa d'anos, disse eu. Mas como todos os anos se completam novos anos, afigura-se-me que aqui deveriamos tomar hoje o compromisso de, tal como se faz nas famílias, também nos anos que hão-de seguir-se, e oxalá que para Bernardo Silva sejam longos e dilatados, celebrarmos nêste dia a mesma festa — os anos da *Aurora*, o nosso carinho enternecido àquêle que abnegada e infatigàvelmente tem sido o seu cérebro, o seu braço, a sua alma.

Senhor Bernardo Silva: sinto que todos os seus admiradores e amigos aqui presentes desejariam subir, neste momento, ao estrado onde nos encontramos e estreitá-lo contra o coração. Não é possível. Permita-me, por isso, que o faça, em meu nome e por êles todos.

Uma prolongada ovação coroa as palavras do orador, que após ter serenado, indica para se lhe seguir o nome do

Director do «Democrata»

que é recebido com novos vivas a Aveiro e palmas. Agradecendo, disse:

Sr. Presidente: duas palavras só, para não empanar o brilho desta festa. Duas palavras simples, curtas, singelas, breves, sem colorido de literatura, mas sinceras.

Venho de propósito da minha terra—de Aveiro—trazer a Bernardo Silva o meu abraço de amigo e de colega. E venho dizer-lhe à vista de testemunhas, que, nêste momento, os *rapazes* da cidade do Vouga, que, como êle, escrevem nos jornais, estão também aqui, associando-se, em espírito, a esta glorificação carinhosa e por muitos títulos merecida. E' que eu, meus senhores, nunca falto àquilo que a minha consciência impõe como um dever. Por isso vim, cá estou, sentindo-me feliz em tomar parte, pessoalmente, na homenagem prestada à gloriosa *Aurora do Lima*, no dia do seu aniversário, e a Bernardo Silva, que desde os verdes anos—desde criança—a serve com a maior das dedicações.

Meus senhores: eu sou também *disto*, da imprensa, por mal dos meus pecados. Mas não é essa a minha profissão, porque, se fôsse, teria já morrido de fome. Avalio, portanto, dos sacrifícios de Bernardo Silva desde que tomou sôbre si o encargo de velar por a existência da sua querida *Aurora*. Ninguém sabe o que custa a fazer um jornal de província, o trabalho que dá e o lucro que se tira. Um exemplo se patenteia, está à vista: Bernardo Silva, no último quartel da vida, é um pobre; e eu, se a tempo e horas não abro os olhos, estaria hoje baldeado.

* * *

Meus senhores: termino já, pedindo desculpa — penitenciando-me—da ofensa que dirigi a Bernardo Silva—ao pobre, mas grande Bernardo Silva—chamando-lhe colega. E' que a minha *folha corrida* não me dá direito a assim tratar quem nunca precisou de transpôr a ombreira dos tribunais para responder pelos seus actos *criminosos*. Eu sou, meus senhores, um reincidente e portanto, nêsse particular, um *cadastrado*, tantos os processos que contra mim se instauraram, tantas as condenações sofridas por entender que a imprensa tem uma nobre missão a cumprir — moralizar e castigar, para educar. Bem me custou essa atitude. Todavia não estou arrependido de a ter adoptado enquanto pude.

Nunca fui de *papas de linhaça*. Apliquei sinapismos, causticos, moscas de Milão.

A imprensa, meus senhores, está sujeita às mais duras contingências, quando a Verdade é servida por temperamentos iguais ao meu. Não me julguei, porém, nunca diminuido com as afrontas com que me mimosearam, porque a elas respondi sempre a peito descoberto e de cabeça levantada. Algumas vezes, também, fui atacado na rua, inclusivamente a tiro; pela calada da noite—suprema cobardia!—apedrejaram-me a residência na aldeia; um dia lançaram mão da *boycotage* ao jornal, mas as assinaturas dêste em vez de diminuirem aumentaram, e como se tudo isto não chegasse ainda para um homem só, estive dois

meses na cadeia, vítima duma deslealdade sem nome.

Eis, meus senhores, um pequeno esbôço da minha vida jornalística e que veio a propósito de ter chamado colega a Bernardo Silva. Perdôe, amigo. Desculpe. Colegas dêstes não honram ninguém. Pelo que, meus senhores, igualmente vos peço me releveis o atrevimento de vir de tão longe obscurecer com a minha presença e a minha palavra o brilho da vossa festa em honra das duas simpáticas e venerandas relíquias de Viana—*A Aurora do Lima* e Bernardo Silva.

A assistência aplaude com nutridas palmas até que feito, de novo, silêncio, a nosso director lê a mensagem que emoldura o retrato do homenageado e que, encerrada numa pasta para a qual José de Pinho desenhou uma alegoria de Aveiro, é entregue a Bernardo Silva, a quem estreita num afectuoso abraço.

A seguir cabe a vez de falar a

Severino Costa

que, por ausência forçada do sr. dr. João da Rocha Páris, presidente da Comissão, diz da sua justiça.

Historia a vida da *Aurora do Lima* desde o primeiro número, como órgão do partido progressista, alude à entrada de Bernardo Silva, como aprendiz, para a tipografia, e depois de se referir à sua ascenção até director do jornal, termina assim:

«Seja-me permitido, agora que falei, rápida e fugitivamente como tinha que ser, da velha *Aurora* e do velho Bernardo, que evoque e renda homenagem àquêles que foram e são a alma, o espírito — o que é chama e vida eterna — dentro dêste jornal venerando a que todos queremos. Sem êles, sem as suas inteligências, o seu génio creador, as suas inquietações e entusiasmos, não existiria a *Aurora*. Queria que se calassem os ecos da cidade e pôr-me à escuta para ouvir os passos de Camilo, ou vêr a silhueta adunca de Junqueiro; ouvir da sua bôca as frases comovidas da *Carlota Angela* ou as estrofes enternecidas dos *Simples*.

Queria vê-los, de novo, nas ruas sombrias desta querida Viana, na sua grandeza imorredoira e quási divida, e dizer-lhes, numa linguagem também antiga, ressonante como uma estrófe de poema: Salvé, espíritos gentis! Para vós dirijo os meus pensamentos e a oração dos meus lábios, levando nêles os pensamentos e a gratidão desta Viana de hoje, diferente só naquilo que é exterior e material, mas sempre a mesma quando se lhe fala a linguagem do Sentimento — pronta a enternecer-se como um velhinho ou como uma criança, se é preciso beijar ou chorar de emoção.»

A assistência aplaude demoradamente o discurso de Severino Costa, que lamentamos não poder publicar na íntegra devido ao flagêlo de quási tôdas as semanas — a falta de espaço.

Por último, o sr. Carlos Pereira da Silva agradece as manifestações de que seu Pai fôra alvo, em têrmos que calaram fundo, dignificando-o. E o ilustre chefe do distrito encerra a sessão no meio do maior entusiasmo para dar lugar ao sarau recreativo do *Grupo Dramático Campos Monteiro*, composto de amadores de muita aptidão para a arte de Talma, entre os quais a menina Maria Correia que, com outras, forma um conjunto de apreciável beleza a que nos havemos de referir ainda, quando cumprirmos a promessa solenemente feita de voltarmos a Viana com o propósito exclusivo de passarmos outra noite agradável.

No fim, foi servido um *Pôrto de Honra*. Severino Costa, arvorado em dono da casa, distinguiu os convidados com as amabilidades que o caracterizam. Falou e falaram também os srs. dr. Mendes Carneiro, capitão Rogério Ferreira, governador civil; Hipólito Moura e o director do *Democrata*, que fizeram referências à amizade entre Viana e Aveiro, tocando os seus cálices por que ela perdure inalterável, cada vez mais arreigada.

Era já tarde quando Bernardo Silva, sempre acompanhado dos amigos, recolheu a casa e deles recebeu os últimos abraços de homenagem ao seu labor, à sua obra.

Á despedida, os componentes do *Grupo Dramático Campos Monteiro* aclamaram-no de novo, envolvendo nas manifestações o nome de Aveiro, do *Club dos Galitos* e *O Democrata*, gentileza que muito nos desvaneceu, agradecendo-a.

E assim acabou a festa dêste ano em honra do *Aurora do Lima* e do seu digníssimo director.

* * *

Em sessão ordinária efectuada na quarta-feira de tarde, a Câmara aprovou, por unanimidade, a seguinte

Proposta

Considerando que desde o primeiro dia o jornal *Aurora do Lima* tem sido um verdadeiro paladino dos interesses e reinvindicações da cidade de Viana do Castelo;

considerando que através da sua longa vida (88 anos) jàmais deixou de honrar a Imprensa provínciana de que é glorioso decano;

considerando a sentida homenagem que a cidade lhe prestou e a que esta Câmara se associou;

Proponho:

Que em acta fique exarado um voto de congratulação à pessoa de Bernardo Silva, digno Director daquêle jornal, pelo carinho e entusiasmo com que há meio século defende os interesses e belezas desta cidade.

Viana do Castelo, 15 de Dezembro de 1943.

a) *Julio de Melo da Gama e Vasconcelos*

Um telegrama

Ao director dêste jornal foi enviado ontem êste despacho:

De regresso a Braga, apresento os meus sinceros agradecimentos pela amizade leal com que distingue meu Pai e abraço na pessoa de V. Ex.ª o povo da cidade de Aveiro, pelo qual tenho especial simpatia.

a) Pereira da Silva

Procurador à Câmara Corporativa

IMPRENSA

O Concelho da Murtosa

Mais um ano conta êste confrade, dirigido por João Rico a quem os povos da importante região devem muitíssimo pela maneira como advoga o seu engrandecimento.

As nossas felicitações.

Voga

Acha-se em distribuição o n.º 3 da revista lisbonense que a sr.ª D. Deolinda de Sousa Gomes dirige com superioridade, rodeada de excelentes colaboradores. *Voga* é, além disso, uma publicação em que a arte tipográfica se assinala por forma a ser considerada uma das primeiras, se não a primeira, do país, motivo êsse que nos leva a recomendá-la às nossas leitoras, principalmente.

Na Fábrica Aleluia

Realiza-se àmanhã e depois nêste importante estabelecimento local uma festa íntima na qual serão distinguidos os operários com mais de 15 anos de serviço.

Do programa faz parte um espectáculo, no primeiro dia, e no segundo terá lugar uma sessão em que se explicará a *Razão da Festa*, baile de tarde e à noite um jantar oferecido a todo o pessoal em honra dos galardoados.

O azeite

Devido certamente à sua abundância — nem podia deixar de ser — dizem-nos que o racionamento dêste mês subiu para oito decilitros por pessoa, anunciando-se que durante o próximo ano a mesma quantidade será distribuída assim como mais dois decilitros de óleo do que o costume.

Bem se diz que a fartura nunca fez fome.

A morte de Firmino Costa

2.º comandante dos Bombeiros Voluntários

A' doença de que vinha sofrendo e que ùltimamente se agravara, sobreveio a morte que na noite de domingo o fez baquear.

A-pesar-da sua humildade faz falta a Aveiro, pois era um elemento prestimoso que com a sua habilidade e intuição artística muito contribuiu para fazer realçar certas modalidades que deram lustre à cidade, criando-lhe uma auréola de simpatia.

A' sua iniciativa e tenacidade se deve a formação de alguns Ranchos coreográficos, que se exibiram com geral agrado e como amador dramático entrou em várias representações, desempenhando papeis importantes nas revistas *A Caldeirada*, *Ao cantar do Galo* e *Môlho de Escabeche*, levadas à cena pelo *Grupo Cénico do Club dos Galitos* e colaborou ainda em muitas outras festas, principalmente infantis.

Prestou também bons serviços na Associação H. dos Bombeiros Voluntários como seu 2.º comandante, assim como na *Banda Amizade* e noutras colectividades.

O corpo do inditoso Firmino Costa esteve em câmara ardente no quartel dos Bombeiros de que fazia parte e momentos antes de sair o funeral o sr. dr. Alberto Souto, presidente da Assembleia Geral da Associação, traçou o perfil do pranteado aveirense nos seguintes termos:

Meus senhores:

«A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, pela bôca do presidente da sua Assembleia Geral, despede-se, sentidamente, dos restos mortais de Firmino Costa, 2.º comandante do seu Corpo Activo e um dos mais prestimosos membros da Associação e do seu Voluntariado. Este adeus é um agradecimento pelos relevantes serviços que a Firmino Costa deve esta Casa e é a homenagem — galardão do bem que êste Bombeiro fez cumprindo o seu juramento de acudir ao próximo com sacrifício do seu confôrto, da sua saúde ou da sua vida.

Ele nunca faltou ao alarme, à chamada, ao rebate, e como era inteligente, leal e sabedor, ensinou aos seus camaradas a indispensável técnica do socôrro e aquêle civismo sem o qual não há coragem perante o perigo e a calamidade.

A Corporação, a Companhia, a Sociedade, a Direcção e os corpos gerentes, os auxiliares e os protectores, agradecem à sua memória e curvam-se perante o seu cadáver.

Mas se eu era nêste quartel o seu presidente, era no Museu Regional o seu superior hierárquico, era na nossa querida Aveiro o seu conterrâneo e era no convívio de quatro lustros o seu amigo. Quero agradecer-lhe a dedicação ao cargo oficial que exerceu e ao estabelecimento que dirijo; a devoção fanática pelas coisas honrosas da nossa terra; a enternecedora amizade que me consagrava.

Quero enaltecer, no seu nome humilde, as suas grandes virtudes, a sua habilidade artística, a sua competência, a sua bondade, o seu desinteresse, a sua caridade e a sua honradez.

Foi um colaborador precioso de todos os directores do Museu; era o seu guarda e fiel, era o seu catálogo vivo!

Honrado, exemplarmente honrado, êsse culto inato, intrínseco, estructural de uma honradez absoluta, abreviou os seus dias.

Os seus superiores do Museu, ampararam-o no seu desgôsto, pateanteando-lhe confiança, mas a dôr roeu-lhe depressa a já precária saúde e

FIRMIMO COSTA

a Morte veio hoje, suavemente, pela calada da noite, como que abafando os passos na geada dos telhados, entregar à infinda saùdade da sua família e dos seus amigos, o derradeiro suspiro da sua agonia.

Aveirense apaixonado, êle foi nesta cidade, nos últimos trinta anos, um elemento popular de destaque, de valor, de realce, de uma utilidade sem par no meio humilde em que vivia.

Músico, amador dramático, organizador de ranchos coreográficos, auxiliar de tôdas as boas e generosas iniciativas e de tôdas as solenidades; colaborador entusiasta de tôdas as comemorações, não houve manifestação nenhuma de tradições, de brio ou de dever local, que êle não coadjuvasse preciosamente.

Por ser um dos do Povo, por ser muito modesto e muito humilde, mas muito honrado, muito prestável, muito aveirense e muito português, é que eu quero render-lhe esta homenagem, eu que tantas vezes chamei e guiei o povo aveirense nas suas horas solenes e que, pelo povo meu conterrâneo e pelos aveirenses como êle, tantas vezes fui arvorado em intérprete dos seus lídimos sentimentos.

O maior elogio que posso fazer-lhe, é simbolizar na humildade da sua memória, a memória de todos os aveirenses de arreigado aveirismo e acendrado patriotismo que desde os alvores dêste século cultivaram nesta cidade, exemplarmente, as melhores e mais alevantadas virtudes da alma popular!

Quando os sinos dobram, e as lágrimas familiares correm pelas faces, e os entêrros passam, e os soluços se abafam, e o público se descobre, e as sepulturas se fecham, e mais um habitante desta terra entra na Eternidade, cá dentro, na nossa alma, há uma opressão, uma saùdade e uma prece. Não podem êsses sentimentos manifestar-se sempre como aqui eu hoje os manifesto, mas aqui fica para todos os nossos mortos virtuosos e obscuros, a homenagem do coração da grande família da nossa terra, coração em cujo barro o meu pobre coração foi também modelado!

A minha palavra é indigna e impar de mais para servir de mensageira do respeito e da saùdade colectiva por todos os que partem para a derradeira jornada, mas tu, Firmino Costa, que tanto amaste a tua terra, que a ninguém fizeste mal, que tanto bem praticaste, e que soubeste — virtude sublime! — repartir com os pobres teus visinhos o tão diminuto pão da tua mêsa — sê nos confins ignotos do eterno Mistério, e junto do Grande Deus da Bondade — o portador da nossa oração!»

Caía a tarde quando o cortejo se pôs em marcha, a caminho do cemitério, seguindo por entre alas de povo que se aglomerava nas ruas do trajecto. Nêle se incorporaram as duas Companhias da cidade e deputações das de Ovar, Estarreja e Vista-Alegre, sendo a urna com os restos mortais de Firmino Costa conduzida num auto. A chave foi entregue ao sr. dr. Alberto Souto, ao lado de quem vimos os srs. dr. Humberto Leitão, presidente da Direcção, Firmino Fernandes, comandante da Companhia, seguidos das crianças da escola da Glória, um numeroso grupo de tricanas, e uma multidão compacta de gente de tôdas as categorias sociais em que sobressaíam os representantes de outras colectividades.

E aqui terminaram as últimas homenagens à memória do prestimoso aveirense, que desaparece aos 57 anos, restando-nos agora acompanhar a viúva, os três filhos e o genro, sr. João da Rosa Lima, assim como a restante família, na dôr que a todos alanceia.

* * *

A Companhia de Bombeiros manda rezar na segunda-feira, às 7 horas, uma missa, na igreja de Jesus por alma do extinto.

O exemplo do nosso Govêrno

O recente decreto do Ministério das Obras Públicas, àcêrca do plano de urbanização de todo o país; o apêlo do Ministro da Economia à Lavoura para que produza mais trigo — isto, e muitas outras providências do Govêrno saídas a lume, estes dias mais próximos, demonstram a efectiva *continuidade de acção governativa*. Queremos dizer: não se cansa o Govêrno de atender às necessidades da nação, pára ou afrouxa em fortalecê-la, como em prepará-la para o futuro. Queremos dizer ainda: cumprindo o seu dever próprio, com afinco e decisão, dá-nos o Govêrno o exemplo de como nós, os governados, devemos cumprir o que nos cabe, e que é: *produzir sempre mais e melhor*, cada qual no seu mister; não reagir às ordens ou conselhos do Govêrno, senão obedecer-lhes; pensar mais no interêsse de Portugal, do que no de estranhos; colaborar assim com o Govêrno, e, *pari passu*, formar com êle *uma unidade viva, activa, da qual, aproveitando a Pátria, também cada um de nós aproveita*. Sigamos, pois, o exemplo do nosso Govêrno, que bem merece da nação e ajudemos, cada um na nossa esfera de acção, a construir sempre mais e melhor.

— o —

Foram à outra banda...

— o —

Noticiou o *Diário Popular*, de Lisboa, que os *Marialvas da Graça* foram, no domingo, almoçar à outra banda, havendo depois do repasto uma sessão de fados e guitarradas.

Ora aqui estão uns patuscos divertidos a encarar a vida como ela devia ser para tôda a gente.

E levasse o Diabo paixões...

A canzoada

Voltamos ao assunto, por não terem sido tomadas providências tendentes a evitar que a cidade seja considerada um autêntico canil, tantos os cães que a infestam de dia e de noite.

E' uma vergonha. Sem deixar de ser um perigo — repetimos.

Trigo e tabaco

Veio da América um navio com 6.200 toneladas de trigo e três de tabaco.

E' que nem só de pão vive o homem...

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, na segunda feira, o sr. Américo Carvalho da Silva; àmanhã fá-los a sr.ª D. Maria de Lourdes Jubero Belo, gentil filha do sr. João Belo, da importante firma Belo & Morais; no dia 20, as sr.as D. Maria Trancoso Magalhães e D. Felicidade Paulos Alves, esposa do sr. Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra, e a inocente Maria Augusta, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, chefe da Secretaria Judicial de Penafiel; em 21, a sr.ª D. Maria Bárbara Correia Nóbrega e Sousa, esposa do sr. Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico na capital; os srs. Aurélio Costa e Laurélio Guimarães, empregado na Agência do Banco de Portugal, e o menino Eduardo Andias Meireles, filho do sr. Hermenigildo Meireles; em 23, as sr.as D. Maria Helena Ferreira Henriques e D. Adozinda Cevada de Menezes, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Joaquim Henriques, hábil clínico local, e Abílio Menezes, guarda-livros no Pôrto, e em 24, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão, e a sr.ª D. Berta Ferreira da Cunha Pereira, esposa do sr. António Marques Pereira, tesoureiro da filial do Banco N. Ultramarino de Viana do Castelo.

Casamentos

Realizou-se ante-ontem, civilmente, o casamento da simpática tricaninha Otília de Lemos, que tanto se evidenciou como componente do Grupo Cénico do Club dos Galitos, com o sr. Mário Sequeira Belmonte, empregado nos escritórios da Fábrica da Lixa Luzostela e filho da sr.ª D. Elisidria Augusta S. Belmonte e do seu falecido marido, o capitalista sr. Mário Pessoa.

A cerimónia teve um carácter muito íntimo, servindo de padrinhos o sr. Luís da Silva Perpétua e esposa, respectivamente cunhado e irmã da noiva, e as sr.as D. Felismina Kress Marques da Silva e D. Julieta Belmonte Pessoa, irmã do noivo.

Felicitando os nubentes, que partiram em viagem de núpcias para o sul, muito estimamos que a felicidade os bafeje, como são merecedores.

Partidas e Chegadas

Já aqui se encontra a passar as festas do Natal a nossa conterrânea sr.ª D. Margarida da Costa Leitão, residente na capital.

—Também aqui vimos os srs. Orlando Peixinho, pagador das O. Públicas em Viana do Castelo; Carlos Ferro, residente em Sever do Vouga; Manuel José Carinha, da Murtosa, e João de Pinho Nascimento, negociante na Afurada (Vila Nova de Gaia).

VIDA MILITAR

Tendo terminado há pouco o curso da E. C. S. de Agueda, foi agora promovido a sargento-ajudante o sr. Artur Calisto, que há anos aqui fôra colocado no Regimento de Cavalaria 5, onde continuará a prestar serviço.

Ao brioso militar, que é filho do sr. coronel Virgílio da Silva Calisto, as nossas felicitações.

As barbearias

Em virtude do seu encerramento nos dias de Natal e Ano Novo, foi-lhes concedida permissão para poderem trabalhar nos domingos seguintes das 8 às 13 horas.

COMPANHIA DE SEGUROS
O Trabalho

Para comemorar o 30.º aniversário da sua fundação, realizou-se, domingo, em Lisboa, no salão da Casa das Beiras, um banquete que o Conselho de Administração ofereceu a todos os seus colaboradores.

Presidiu o sr. eng. Sebastião Ramires, assistindo mais de 150 convivas idos de todos os pontos do país, entre os quais o sr. Estêvão de Carvalho, gerente da firma Franqueira Gonçalves nesta cidade, em colaboração com *O Trabalho*, companhia de seguros.

Os brindes manifestaram a esperança, a certeza de todos no futuro da Companhia, cujos créditos se acham de há muito firmados.

Valorização turística

—o—

Sob o impulso renovador do Estado Novo todo o país, nos grandes centros como nas aldeias, na serra como nas praias, procurava trabalhar entusiàsticamente no sentido de melhores condições turísticas das regiões e o nível de vida dos diversos agregados populacionais. Por tôda a parte se multiplicavam as iniciativas bem intencionadas, realizadas com entusiasmo e espírito de servir: organismos oficiais, entidades várias, simples particulares contribuíam, assim, para a renovação do país.

Êsses esforços eram, porém, dispersos, algumas vezes inúteis e não poucas podiam chegar a ser prejudiciais. Por falta de um plano de conjunto que enquadrasse essas tarefas parcelares numa directriz geral capaz de lhes dar plena valorização, sucedia, por vezes, não se obter dessas iniciativas todo o rendimento que seria lícito esperar.

O Govêrno, atento e orientador, pelo Ministério das Obras Públicas, julgou chegada a hora de, correspondendo à boa vontade e espírito de sacrifício das Câmaras Municipais e outros organismos interessados no problema—traçar (no recente decreto-lei sôbre urbanização do país) as bases para um trabalho profícuo, garantindo a assistência técnica necessária e auxiliando materialmente a realização das obras a executar. Assim, além de se facilitar a melhoria das condições higiénicas das populações, se contribue para uma valorização turística das várias regiões com um sentido urbanístico simultâneamente nacional e moderno.

Prosseguirá, pois, em âmbito cada vez mais vasto, a obra encetada. Com a colaboração eficaz do Estado, as Câmaras e os organismos do Turismo, sob a orientação superior do S. P. N., poderão dar o máximo rendimento do seu trabalho. E Portugal será, cada vez mais, o país encantado do turismo.

rabando e os compradores referidos réus, reconhecer-se-lhe o direito de a haver para si em virtude do disposto no § 1.º do art.º 1566 do Cod. Civil; e que a acção deve ser julgada procedente e provada e os reus condenados em selos, custas e procuradoria. E nos referidos autos correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação dêste anúncio, citando o dito réu Agnelo Mendes Bolhão, para, no praso de 10 dias, findo o dos éditos, centestar, querendo, a mencionada acção.

Aveiro, 6 de Dezembro de 1943.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção, 2.ª Vara

António A. dos Santos Vítor

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 2.ª Vara da comarca de Aveiro—1.ª secção, correm seus termos uns autos de acção sumária em que é autor João Matias Sarabando, casado, operário, da vila e freguesia de Vagos, desta comarca e são réus Agnelo Mendes Bolhão e mulher Maria da Encarnação Bolhão, agricultores, êle ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte e com último domicílio na dita vila e ela ali residente; e, nêles alega o autor, alem do mais, que deve declarar-se de nenhum efeito o contrato de compra e venda da terça parte duma terra lavradia, sita no «Arneiro», celebrado em 17 de Março de 1943, entre o vendedor Ricardo Matias Sa-

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 945 do Cod. de Proc. Civil torna-se público que no dia 18 do corrente mês de Novembro deu entrada na Secretaria Judicial desta comarca e foi distribuida à 2.ª Secção da 1.ª Vara Judicial, uma acção de interdição por demencia, requerida por Albertina Nunes Pereira, também conhecida por Albertina Nunes Simões, doméstica, natural e residente em Eixo, no lugar do Outeiro, contra seu marido João Evangelista Pereira de Figueiredo, agricultor, morador também na freguesia de Eixo, com o fundamento de o arguido se encontrar impossibilitado de reger a sua pessoa e de administrar os seus bens.

Aveiro, 30 de Novembro de 1943.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

António Gurgo

O Chefe da Secretaria,

Carlos de Sousa

A TUNGSRAM-KRYPTON *é a economia personificada.*

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

NECROLOGIA

Após alguns meses de sofrimento, finou-se na penúltima sexta-feira de manhã o nosso amigo João Simões Peixinho, empregado no Banco Regional, onde gozava da estima de todo o pessoal. E' que possuia predicados que sempre o impuzeram à consideração dos seus conterrâneos e daí as simpatias que o rodearam durante a sua existência, sendo por essa circunstância que a notícia da sua morte foi recebida com consternação.

João Peixinho, que contava agora 61 anos, acompanhou de perto o grupo dos republicanos de Aveiro que se dedicavam à propaganda do regimen e fez parte de várias agremiações, que nêsse dia tiveram a bandeira hasteada a meia adriça.

Deixou viúva com um filho, era irmão do nosso também presado amigo Jerónimo Peixinho e no seu entêrro, realizado para o cemitério novo, incorporaram-se numerosas pessoas, nomeadamente o sr. Francisco da Silva Rocha, director do Banco, a quem foi entregue a chave da urna.

Aos doridos, as nossas condolências.

* * *

Em Malden (E. U. da América) onde residia há vinte e quatro anos, deixou de existir, no dia 20 de Outubro, Deolinda de Pinho Vinagre Barahona, viúva de José Barahona, também ali falecido.

Vitimou-a uma síncope cardíaca, deixando sete filhos, um dos quais alistado no exército americano mas actualmente em Inglaterra. Nesta cidade tem duas irmãs, casadas respectivamente com os srs. Jaime Gonçalves Andias e José Maria Gonçalves do Padre.

Para sufragar a alma da extinta é rezada uma missa no dia 30 do corrente, pelas 7,30 horas, na capela de S. Gonçalinho e a família, a quem apresentamos pêsames, pede a comparência das pessoas das suas relações.

Tinha 59 anos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, a sr.ª D. Alexandrina da Graça Oliveira, solteira, de 71 anos; Maria Rodrigues, viuva, de 76; Maria José Marques, solteira, de 45, e Perpétua dos Santos Calisto, também solteira, de 20; no *Bonsucesso*, Augusto Henriques, casado, de 49, e na *Quinta do Picado*, Alfredo Ferreira, casado, de 78.

CYMA

PRECISÃO SEM IGUAL